



Identidades e alteridade: representações a partir da experiência militar de missão de paz no Haiti

Identity and alterity: representations from the military experience of peacekeeping mission in Haiti

Adriane Roso

Juliana Flores Campos

Universidade Federal de Santa Maria

Verônica Bem dos Santos

Faculdade São Francisco de Barreiras

Brasil

Resumo

A pesquisa apresentada aqui pretendeu compreender como a experiência de militares em uma missão de paz no Haiti afetou as relações com o Outro. Como objetivo secundário, buscamos observar como os dois tempos/lócus (Haiti e Brasil) se entrecruzam nas identidades e nas representações dos militares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa empírica. Entrevistas narrativas e a técnica *Photovoice* foram utilizadas na produção de dados. Observou-se o entrecruzamento dos dois tempos/lócus nas identidades e representações do militar. Transformação nas identidades e nas representações também foram identificadas.

Palavras-chave: representação social; identidade; migração humana; problemas sociais

Abstract

The research presented here sought to understand how the experience of soldiers on a mission of peace in Haiti affected relations with the Other. As a secondary objective, we sought to observe how time/locus (Haiti and Brazil) intersects with the identities and representations of the military. This is an empirical qualitative research. Photovoice technique and narrative interviews were used to collect data. The interweaving of the time/locus with the identities and representations of the military were observed. Transformation on identities and representations was also identified.

Keywords: social representation; identity; human migration; social issues

Introdução

Aquele que volta à casa desconcerta; tanto a si mesmo como seus compatriotas. Partir, não acidentalmente, também significa cindir-se, viver um pouco cortado ao meio (Alfred Schutz, 1994¹, citado por Jovchelovitch, 2008, p. 11).

O militarismo é uma instituição orientada por regras estruturadas e relações hierarquicamente organizadas, o que, por si só, já demanda um olhar crítico da psicologia.

¹ Schutz, A. (1944). The stranger: an essay on social psychology. *American Journal of Sociology*, 49, 500-507.



Paralelamente, as missões de paz, desenvolvidas em outro país, e para as quais o Exército Brasileiro (EB) envia seus *recursos humanos*, representam espaço de construção de identidades e relação com alteridades. Tais ações, em geral, dão-se frente a diversas situações de vulnerabilidades e sofrimento humano, desde a contenção de conflitos, até a reestruturação em caso de catástrofes naturais.

No cenário mais contemporâneo, o EB foi chamado a atuar em missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Para isso, envia militares para diversas regiões do mundo que se encontram em conflito ou precariedade, tais como Angola, Moçambique e Timor Leste. De acordo com Bracey (2011), as Missões de Paz (*Peacekeeping Operations*), têm por objetivo ajudar os países afetados por conflitos a criarem as condições para uma paz duradoura. Para tal, a ONU solicita que os Estados membros resolvam suas disputas por meio da mediação, negociação e arbitragem. No entanto, também concede ao Conselho de Segurança a responsabilidade para manter a paz e a segurança internacionais por meio de uma intervenção forçada (isto é, missões de imposição da paz).

A Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi estabelecida em 30 de abril de 2004 com o intuito de garantir um ambiente de estabilidade e segurança guiando o país para a normalidade institucional. Disso resulta o direito do estado de realização de eleições democráticas e transparentes. Também, objetiva-se contribuir na reforma e reestruturação da Política Nacional, no programa de desarmamento de grupos armados ilegais, na supervisão do cumprimento dos direitos humanos e na ordem pública (Pereira, 2005). Desde o ano de 2004, o Brasil também comanda as forças de paz para estabilização do Haiti; semestralmente, por volta de 1500 militares brasileiros são enviados para o país juntamente com a ONU (Perrelli, 2012).

A Força Militar, por sua vez, é responsável pela manutenção do ambiente seguro e estável, juntamente com a Polícia das Nações Unidas e a Polícia Nacional do Haiti. Para tal, suas principais atividades desenvolvidas são: garantir a segurança nas principais cidades, arredores e principais rodovias; proteger as instalações vitais, o acesso à infraestrutura humanitária bem como as instalações humanitárias do governo e da ONU; monitorar os principais pontos de passagem na fronteira; e promover a segurança e liberdade dos trabalhadores da ONU e afiliados (Pereira, 2005).

Para participar da MINUSTAH, os militares se inscrevem voluntariamente para seleção. Há os atrativos de salário, de possibilidade de promoção de cargo e a experiência internacional em si. Neste trabalho, temos como foco os participantes que se candidataram e participaram dessas missões de paz junto à ONU no Haiti. Assim, atentamos para a compreensão da noção de alteridade em seus discursos, observando como isso se apresentou no Haiti e ainda se apresenta em seus cotidianos.

Muito se discute sobre o significado dessa manutenção da paz, pois não se trata da paz como ausência de conflitos e violência, da satisfação total de necessidades básicas humanas



e, no plano institucional, de estruturas representativas e de partilha proporcional de poder (Freire & Lopes, 2008). Diversos são os interesses políticos e econômicos que subjazem às missões. A missão na guerra civil de Angola, por exemplo, dirigida pela Organização das Nações Unidas (ONU) por meio de quatro operações de *Peacekeeping*, serviu como “facilitador” para os Estados Unidos empreender sua “política baseada na exploração do petróleo no continente africano em geral (e Angola se inseria como um país-chave para essa atividade), mas também agiu para defender os assuntos de segurança nacional americana” (Persici, 2010, p. 111). De fato, salienta Persici (2010), “o que importa no sistema internacional são os elementos do poder, dos interesses e da posição. As organizações internacionais servem apenas para implementar uma política e são manejadas pelas grandes potências como instrumentos de política externa (p. 148).

O estudo apresentado aqui diz respeito a militares migraram ao Haiti e que aderiram ao movimento das missões de paz, retornando das mesmas ao seu país de origem. Embora reconheçamos a complexidade das missões de paz e os efeitos de poder, nosso objetivo neste estudo não é emprender uma crítica da ideologia das missões ou de seus efeitos socio-econômicos. Nosso foco está nos militares brasileiros que vivem determinado tempo em outro país, convivem com variadas formas de vida e diversas condições de vulnerabilidades² sociais/derivadas da pobreza/miséria, privação/encarceramento e/ou fragilização de vínculos afetivos. Essa adesão implica, dentre outras coisas, viver longe de seus lares, de suas famílias, de seus amigos, o que, certamente, gera impacto na construção de identidades.

Partimos do pressuposto que as repercussões de migrar de seu país a outro (migração internacional) e servir em uma experiência de missão de paz variam a cada sujeito. Mesmo que o treinamento militar prepare para difíceis situações, cada um, enquanto participante da experiência, tem diferentes elementos que os tocam, que os mobilizam e os transformam. Ao retornar da missão, o militar afetado por essa experiência, vai expressar direta ou indiretamente, a significação da mesma. As suas relações, o seu emprego e o seu novo fazer, acredita-se, trazem alguma marca da experiência. Pois, é neste real e concreto, conforme Moscovici (2009), que estarão sendo engendradas as suas novas representações sociais, estas formadas por ele mesmo a partir das anteriores, e agora partilhadas no contexto social no qual está inserido.

O material apresentado aqui³ tem como objeto de estudo a construção de identidades e

² O assunto das vulnerabilidades é alvo de importantes debates teóricos e tem gerado tensionamentos nos diferentes campos de conhecimento, os quais deflagram a polissemia e questionabilidade do termo. Não adensaremos essa discussão aqui, mas é preciso salientar que o militar que se desloca ao Haiti não apenas experimentará as condições estruturais debilitadas de um país em guerra como migra de um contexto (Brasil) também marcado por condições de vulnerabilidade. Sugerimos a leitura de Nichiata, Bertolozzi, Takahashi & Fraccolli (2008) para uma revisão do uso do termo vulnerabilidade e a leitura de Guareschi, Reis, Huning e Bertuzzi (2007) para uma discussão crítica sobre o conceito de vulnerabilidade social.

³ Compõe um projeto maior intitulado “Cenários midiáticos/institucionais, relações de poder e representações: desafios atuais na saúde pública” (Registrado no Gabinete de Projetos da Universidade Federal de Santa Maria sob o número 028411).



a produção de alteridades a partir das experiências de militares que participaram da missão de paz no Haiti. Pretendeu-se compreender como a experiência de militares em uma missão de paz no Haiti afetou as relações com o Outro. Como objetivo secundário, buscamos observar como os dois tempos/lócus (Haiti e Brasil) se entrecruzam nas identidades e nas representações dos militares.

Esse Outro a que nos referimos é entendido como uma gama ampla de viventes, que podem ser amigos, familiares, colegas de trabalho, etc. Para guiar a linha de pensamento, torna-se conveniente tentar propor esta questão: como se constitui esse outro? O outro pode designar o que não é eu. Na língua francesa existem dois conceitos que demonstram isso: *outrem* (o próximo) e *outro* (alter). O primeiro conceito implica uma proximidade social e/ou comunidade; já o segundo revela diferença e/ou distância social. A alteridade corresponde ao *alter*, apresentando-se em um contexto plural; por isso trata da passagem desse próximo para o *alter* (Jodelet, 1998).

O conceito de alteridade é elaborado na relação social em torno de uma diferença. Conforme Jodelet (1998), é fundamental a noção de outro para compreensão do real, já que isso gera uma repercussão sobre a própria consciência que se tem do mesmo. Para a autora, o outro pode designar o que não é eu, o *alter*, o diferente. Por outro lado, este não eu é de um eu, ou seja, o outro é de um eu mesmo. Em outras palavras, o outro, tido como diferente e distante, também é capaz de demonstrar aquilo que é de nós mesmos, que nos pertence.

Ao levar em consideração a pessoa como um conjunto encarnado de relações sociais, afirma-se a existência e não existência desse eu. Considera-se que não há um *eu* de origem, separado dos outros, suspenso da realidade, ou seja, distante daquilo que o forma como humano e viabiliza a diferenciação. O que ocorre é a seleção de cada pessoa do que lhe é relevante, do que lhe causa emoção e mobiliza. Assim, cada um vai separando tais aspectos da realidade e estabelecendo seu modo de ser que se caracterizará como social e singular concomitantemente (Zanella, 2005).

A relevância da alteridade está assentada na emersão do eu e do outro enquanto objetos do conhecimento simbólico. Ou seja, sem a alteridade não é possível a produção de parâmetros viabilizadores da construção de sentido próprio ao eu. Se não houver o reconhecimento de um outro, não é possível existir essa produção de sentidos, bem como a forma simbólica, a linguagem e as identidades (Jovchelovitch, 1998).

Esse reconhecimento da alteridade enquanto constituinte de identidade nos leva à observação de que, neste trabalho, tomamo-la como algo compartilhado, cuja construção se dá nas relações com o outro. Molar (2011) revela a ideia de identidade enquanto algo temporário e compartilhado por todos, reafirmando a interferência de questões sociais e subjetivas dos indivíduos nas relações. Tal fato, em determinadas conjunturas, implica deslocamento e ressignificação identitária. As novas faces identitárias produzidas vão conferir também mais uma perspectiva de diferenciação acerca do Outro. Conforme Bauman



(2005), “as identidades flutuam no ar, algumas da nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (p. 19).

À medida que esse outro é reconhecido não só como alguém com o qual mantemos uma relação social, mas como o outro que temos em nós, dá-se o reconhecimento do próprio eu a partir dessa relação com a alteridade. Assim, assume-se a metamorfose constante em que está destinado o desenvolvimento da identidade (Ciampa, 1989). Como este eu está implicado com o outro, torna-se demasiado complicado tentar cercar e limitar somente o que é do Eu, visto que, ele foi construído dinamicamente na relação com um outro.

Os soldados em missão no Haiti também podem ter experimentar mudanças em sua constituição identitária à medida que se deixaram afetar pelas vivências de trabalho, pelas relações construídas ou distanciadas. Isto os situa enquanto sujeitos de experiência. De acordo com Bondía (2002), a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Bondía, 2002, p. 21).

Na cultura atual, marcada pelo auto-centramento e caracterizada pelo esvaziamento de si e do Outro, torna-se difícil, além da experiência, a alteridade (Birman, 2001). Tal auto-centramento não possibilita nem um olhar para o outro nem um auto-conhecimento (Jodelet, 1998). Dessa forma, reafirmamos que a construção do eu (identidade) se dá na mediação com um outro; é somente via as relações sociais que a existência desse eu é possibilitada; pois, ainda que singular contém sempre a marca dos constantes outros pelos quais a cultura é caracterizada (Zanella, 2005).

Assim, entendemos os conceitos de alteridade e de identidade como aquilo que diz da diferença e do outro, sendo este outro um não eu de um eu mesmo, conforme Jodelet (1998). Dessa forma, foi possível fazer a relação dos conceitos de alteridade e identidade, percebendo que nos constituímos e nos fazemos a partir das relações com o outro. Ou seja, a partir do contato com a diferença, elegemos o que nos é relevante, o que nos mobiliza e carregamos um pouco disso no nosso modo de agir no mundo.

Entendemos que se faz de larga importância atentar para esses sujeitos, para seus modos de vida, suas preocupações, seus sofrimentos e suas realizações, enfim, para suas experiências, especialmente porque uma psicologia social que assume a criticidade como elemento social em suas análises deve se interessar por tudo aquilo que concerne às experiências sócio-afetivas humanas, entendendo o sujeito (eu), o alter (outro) e objeto(mundo) como inter-relacionais e dialógicos. Procurou-se observar o impacto desse tipo de experiência de missão na vida dos militares, bem como conhecer o olhar que é produzido por esses participantes, sobre o outro, na vivência de suas relações.

A seguir, apresentamos os aspectos metodológicos deste trabalho e, logo após, os resultados. A apresentação dos dados e a discussão dos resultados, com base nos pressupostos epistemológicos e ontológicos de uma Psicologia Social Crítica (e.g., Ciampa,



1989; Ferreira, 2010; Guareschi, 1998; Lane, 1985; Zanella, 2005), foi organizada em dois eixos teóricos: identidades e representações sociais. A teoria principal escolhida para guiar a análise foi a Teoria das Representações Sociais.

Método

Participaram deste estudo quatro militares (soldados) do Exército Brasileiro, estando dois na ativa e dois na reserva. Todos participaram na missão de paz no ano de 2007. Apenas um participou da missão nos dois contingentes (2007 e 2010). Este possui mais de quarenta anos de idade, e os demais encontram-se na faixa etária dos vinte e cinco anos. Dois dos participantes são casados e possuem filhos. Os demais são solteiros e não possuem filhos.

Como recurso para busca de participantes, recorreremos à técnica não-probabilística de seleção *Snowball* (Bola de neve). Também conhecida como cadeia de informantes (*chain referral*), essa técnica permite a seleção de participantes a partir da indicação de outros sujeitos que já participaram do estudo (Hudelson, 1994; Katz, 2006). Ou seja, um primeiro participante é escolhido com base nos contatos dos pesquisadores e este indica um ou mais participantes em potencial, e assim sucessivamente até que se tenha alcançado a saturação dos dados. A indicação não garante a inclusão do candidato, pois o mesmo é avaliado pela equipe de pesquisa, segundo os mesmos critérios de quem o indicou (Bauer & Gaskell, 2005).

Para a produção dos dados, utilizamos entrevistas narrativas com o auxílio de fotografias - *Photovoice*. De acordo com Jensen, Kaiwai, McCreanor e Barnes (2006), a técnica *Photovoice* se constitui em um método de compreensão e mudança social que utiliza a combinação de fotografias com entrevistas ou discussões. Foi pedido que o participante trouxesse à entrevista fotografias da sua experiência no Haiti. No primeiro momento, referente ao *locus* passado (Haiti), foi solicitado que o participante elegeisse uma a duas fotos de sua preferência para poder contar da sua experiência. Tendo em vista que alguns informantes não desenvolveram muito a narrativa, foram necessárias algumas questões-estímulo além das fotos. Encerrada essa narrativa e esse primeiro momento, os participantes foram questionados sobre o *locus* atual (Brasil) dando abertura para outra narrativa.

Também foi utilizado breve exame de documentação normativa de missões do Exército Brasileiro e de documentos extraídos do site do Exército Brasileiro⁴, que não serão apresentados nesse artigo, mas foram materiais orientadores para a compreensão do contexto sócio-histórico onde são criadas as representações sociais. O intuito foi de utilizar documentações para construir um referencial teórico sólido, complementando as informações obtidas pelos participantes na pesquisa. Com relação aos aspectos éticos, o

⁴ Recuperados em 19 de julho, 2012 de www.exercito.gov.br/web/guest;jsessionid=680EF0FBD4B39C485CD4CBFCA1EA17C1.lr2



estudo seguiu a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, a qual versa sobre pesquisa com seres humanos.

Após a produção dos dados, as entrevistas foram transcritas e seus conteúdos agrupados e analisados mediante método de análise qualitativa de conteúdo e análise temática (Bauer & Gaskell, 2005). No processo de leitura do conteúdo, agrupamos sequências discursivas extraídas das entrevistas de acordo com os eixos teóricos: (a) Identidades, militar e de gênero e (b) Representações Sociais: Representações do Haiti(ano). Salientamos em negrito palavras ou conjunto de palavras que pudessem ter sentidos que precisavam ser olhados com cuidado e reflexivamente. Isto é, buscamos ir além do que a palavra ou o conteúdo significava.

A apresentação dos dados e a discussão dos resultados, com base nos pressupostos epistemológicos e ontológicos da Psicologia Social Crítica, foi organizada em dois eixos teóricos: identidades - militar e de gênero; e representações sociais: representações do Haiti(ano). Assumimos que não existe uma única forma de Psicologia Social Crítica no Brasil e embora seja difícil encontrar elementos que possam unir as diferentes formas, é possível pensar que suas matizes estão sempre a fazer crítica de si mesmas, com o intuito de movimentar aquilo que é *taken for granted* (assumido como certo, seguro). Como concluiu Maritza Monteiro (2010), em um artigo que trata especificamente de definir psicologia social crítica, “la psicología social crítica es una forma de autocrítica que se hace la psicología y, al hacerla, es también una crítica de la sociedad, puesto que esta psicología social denuncia y fustiga su rol como una de las estructuras sociales de poder” (p. 189).

No nosso trabalho reconhecemos especialmente a influência do feminismo e do construcionismo social na psicologia social crítica, as quais nos possibilitam também afirmar que não existe uma única forma de expressar vulnerabilidades, paz, militarismo e outros noções conceituais que possam nos remeter ao caráter ideológico dos fenômenos sociais. Adotamos uma

postura crítica em relação às instituições, organizações e práticas da sociedade atual, bem como do conhecimento até então produzido pela Psicologia Social a esse respeito. Nesse sentido, colocam-se contra a opressão e a exploração presentes na maioria das sociedades e têm como um de seus principais objetivos a promoção da mudança social como forma de garantir o bem-estar do ser humano (Ferreira, 2010, p. 51).

Essa perspectiva recorre a diferentes teorias. Nesse artigo, nosso guia maior é a teoria das representações sociais, na sua abordagem processual/dialógica (Jodelet, 1998; Joffe, 2012; Jovchelovitch, 1998, 2008; Marková, 2006; Moscovici, 1961/1978, 2009, 1961/2012), que caracteriza a representação como “estrutura psicológica, inter-relacional e epidêmica que expressa dimensões subjetivas, intersubjetivas e objetivas” (Jovchelovitch, 2008, p. 37).



Salienta-se que em todas as fases da pesquisa foram considerados os preceitos da Resolução 466 (2012, 12 de dezembro), do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas que envolvem serem humanos e a Resolução 010 (2012, 26 de junho), do Conselho Federal de Psicologia, sendo que a pesquisa da qual deriva o presente artigo tem o certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE número 05956112.6.0000.5346).

Identidades - militar e de gênero

Nesse eixo de análise, pretendemos observar os aspectos verbalizados pelos militares que possibilitem visualizar alguns aspectos de suas identidades, atentando especialmente para os elementos que se relacionam com a profissão militar. Reconhecendo, desde já que ingressar no militarismo implica a construção de identidades. Construção justamente porque não é algo que nasce do aqui e agora, nem é tomada como dada *a priori*. É fruto de uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas (Ciampa, 1989).

Esta construção se fez presente nas entrevistas, carregada de variados sentimentos com relação à instituição militar, mais especificamente o pertencimento à mesma. Destacam-se expressões de orgulho:

*Ser militar é um orgulho; eu nunca me arrependi da profissão que eu escolhi [...]. É uma grande conquista (Informante A).
Sempre achei bonita a farda também. Sempre gostei da farda [antes mesmo de entrar para o exército]. Tipo o.... a disciplina também (Informante B).*

“Ser” militar no Haiti em uma missão de paz e pertencer ao Exército Brasileiro parece engrandecer esse orgulho: “Mas... pra nós que somos militares, a missão é uma grande conquista porque nós temos um conjunto de ganhos (...). Orgulho, conquista, medalha da ONU...” (Informante A). O verbo “ser” é preciso ser posto entre aspas, pois ainda que os sujeitos se identifiquem com o militarismo e assumam essa posição como algo inerente a sua constitucionalidade, a concepção de identidade adotada nesse estudo implica, como veremos ao longo de nossa escrita, processo e não uma essência.

A palavra *conquista* remete a um fazer em construção, algo se deu antes de maneira progressiva para poder haver a conquista. A expressão *sempre achei* também nos dirige a um tempo anterior ao “ser militar”, isto é, a identidade militar não nasce com o fato de estar no exército, mas já compõe a história do sujeito desde antes. Afinal, já existe uma representação social que circula no campo sócio-psíquico desses sujeitos antes mesmo de tornarem-se militares, conforme expresso:

E gosto de ser militar também. Sempre, eu desde pequenininho sempre quis vir pro quarte (Informante B).



A parte de hierarquia e de disciplina até não foi tanto, porque... eu descobri que vivia um quartel em casa já, o pai era militar (risos). Não era ruim, mas eu já estava acostumado que as coisas iriam ser porque era assim e pronto (Informante C).

Ao que parece, essas representações ajudam a construir o desejo de tornar-se militar. Isso porque

a representação social é um corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação (Moscovici, 1978, p. 28).

A experiência de “ser” militar com representações narradas pelos participantes no estudo parece confirmar que identidade é transformação. Ciampa (1989) já define identidade enquanto movimento, metamorfose: “é sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação” (p. 74). Da mudança, nos diz um dos informantes: “Mas... sair do quartel, entrar no quartel, permanecer no quartel... é um... é uma mudança bem grande.” (Informante C).

Que mudanças seriam essas? Não apenas nos aspectos mais concretos, mas no modo de pensar, de sentir, pois a experiência militar toca em todos os meandros da vida da pessoa, como todos os entrevistados em nossa pesquisa mostram em suas narrativas. Além disso, as relações com a equipe dentro do quartel e na missão de paz no Haiti contribuíram para essa constante transformação da identidade.

A Psicologia Social, que é o olhar no qual este trabalho está baseado, fundamenta a concepção de ser humano enquanto resultado das relações que estabelece no decorrer de sua existência. Dessa forma, vamos nos construindo nas relações que estabelecemos cotidianamente (Guareschi, 1998). Nas falas a seguir o militar diz mudar seu ponto de vista em relação a alguns preconceitos e também se tornar mais tolerante com as relações no quartel e na missão:

Até porque no quartel tu começa a conviver com pessoas que tu não convivia né. Tu conhece o cara que já matou pessoas, que é um cara que tu adora, um cara muito legal. Conhece cara que é traficante. Conhece cara que tava na informática. Tu conhece outro cara lá que era um atleta... Conhece muita gente diferente e... E tu começa a enxergar eles como igual, porque é tudo no mesmo lugar. [...] Tu vê que são tão boas quanto tu, e tem tanto caráter ou não quanto tu (Informante C). Isso foi bem... interessante pra aumentar tua tolerância quando tu vive com os outros, pra ti saber que nem sempre a culpa é do outro (Informante C).

A experiência no Haiti possibilita a abertura do eu para o outro. A convivência com o diferente é a engrenagem para a aceitação do intolerável, do estimagtizável. Quando “a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele” (Ciampa, 1989, p. 59), e quando as pessoas partilham um contexto no qual todos são estranhos, estrangeiros, a “necessidade



psicológica humana fundamental por comunidade” (Jovchelovitch, 2008, p. 131) move um militar em direção ao outro.

Os informantes também apresentaram, em seus discursos, características que eles atribuem à profissão militar. Dentre estas, destaca-se a necessidade de ser forte, bravo, corajoso.

O militar, querendo ou não, é sempre o forte. Ele tem que passar essa... Não vou dizer que seja o forte, mas tem que passar uma... uma segurança, Vamos dizer, maior do que as outras pessoas (Informante D).

O cara, pra trabalhar dentro do quartel, ele tem que tá bem... bem melhor mentalmente do que o outro (Informante A).

Porque lá no quartel o cara era... era muita testosterona, tava sempre na correria e “ah homem, não sei o que lá”... (Informante C).

Percebemos que, para os participantes, viver a experiência militar consiste em viver uma pressão extra – a de ser/ter que ser forte. Quer dizer, o homem-militar deve ser exemplo de força a quem não é militar. Tais características também nos fazem atentar para as relações hierárquicas que se apresentam na instituição militar. O lema “braço forte, mão amiga” (Portaria n. 885, 2008, 4 de novembro, p. 21), além dos postos e graduações que compõem a hierarquia militar, exige de alguns serem mais fortes que outros.

Certamente, essa vivência impacta o modo do sujeito se perceber a si próprio enquanto homem. As exigências do exército acabam reforçando elementos característicos da sociedade patriarcal, a qual reforça determinados padrões de comportamento, masculinidade hegemônica.

Um dos principais efeitos das masculinidades hegemônicas é o controle social que se exerce sobre o próprio homem através do autocontrole e da vigilância constante (Almeida, 1995). Obviamente, entendemos que as masculinidades são sempre plurais e dinâmicas, comportam em si elementos contraditórios, de resistência e incorporam também o reconhecimento da “possibilidade da democratização das relações de gênero e da abolição de desigualdades de poder, e não apenas a reprodução da hierarquia” (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 272). Todavia, os informantes sinalizam para que essa mesma masculinidade acarreta sobrecarga a eles: têm de ser duplamente forte, como militar e como homem.

O ponto interessante a ressaltar aqui é que no Haiti as relações de autoridade parecem se apresentar de maneira diferente de como são no Brasil, ilustradas pela fala que segue:

Lá no Haiti tu é tratado é... diferente daqui do Brasil. Tipo... lá não tem muita diferença de soldado, cabo, sargento ou tenente. Lá é, bem dizer, todo mundo igual. [...] Essa era a diferença lá. E tipo, o tratamento não era... ‘eu sou superior, eu sou tenente, eu sou o bom’, como é aqui. Lá é normal assim, te tratam como uma pessoa normal, entendeu? Com igualdade, entende? Lá no Haiti. A diferença é essa (Informante B).



Isso nos favorecer a continuar a refletir sobre o fato de que estar em outro país e, ao mesmo tempo, na mesma condição de estrangeiro e vulnerável em relação ao diferente, pode mudar aquilo que já está fortemente colocado e pré-concebido, além de demonstrar que as masculinidades são também contextuais. Os militares na missão de Paz no Haiti podem passar pelas mesmas surpresas, mesmo choque de realidade e cada um significar de maneira diferente sua experiência, afinal, toca-os, passa-os. Mas há algo que é compartilhado por todos, que se refere às representações que se tem em relação ao desconhecido. Esse é o saber que os une. Todos estão na condição de estrangeiros em um terreno que não conhecem, lidando com situações difíceis, diferentes das que estavam acostumados.

*Agora, quando se trabalha na rua, a gente encontra dificuldades: é... como eu falei, é um terreno que a gente não conhece (Informante A).
Distância. Miséria. Tu trabalhar só com problema dos outros; trabalhar só com necessidade, só com dificuldade mesmo. Só com... Não tinha, tu te levantava e tu sabia que ia lidar só com problema o dia inteiro, dia inteiro. Só com problema: pessoa esfaqueada, pessoa queimada, criança passando fome [...] (Informante D).*

A experiência com o sofrimento do Outro imprime marcas na *psiqué*, como tatuagens que expressam o meu eu, a minha dor, ao mesmo tempo em que dizem do Outro, da dor do Outro, causadora de dor em mim mesmo. A identidade, nessa via, fabrica-se sob o tecido humano e é arquitetada nas relações Sujeito (Eu)-Alter (Outro)-Objeto(Mundo). A experiência de deslocamento pode causar sofrimento, mas é esse que possibilita ser tocado e viver intensamente a experiência e não apenas passar por ela.

Assim, as relações desses sujeitos com a instituição Exército, com a missão de paz, com o Haiti(ano) permitem e, até mesmo, exigem, mudanças. Falar de relação é, como afirma Guareschi (1998), “falar de incompletudes, e pensar em algo aberto, em algo que pode ser ampliado ou transformado” (p. 151). Dessa forma, a experiência de tornar-se militar em Missão de Paz no Haiti também implica representações em transformações. Na sequência, então, assinalaremos algumas das representações que surgiram do Haiti(ano) nos militares, ao terem contato com este Outro e como elas vão se transformando.

Representações sociais - representações do haiti(ano)

Como falar desse Outro - Haiti(ano), tão distinto, sem representá-lo? Todos nós representamos; só é possível dar sentido ao que nos passa, convencionalizando e significando objetos, pessoas e acontecimentos que fazem parte da respectiva experiência. Cada vez mais autores têm se dedicado a entender profundamente o conceito de representações sociais e colaborar na construção de sua teoria. Aqui queremos trazer algumas definições que acreditamos serem as mais condizentes com nossa visão.

Rey (2003) diz das representações sociais como formas de organização do espaço simbólico no qual as pessoas têm seu desenvolvimento. Por meio das representações sociais,



o real se apresenta com diferentes discursos de sujeitos individuais, mas que estão implicados em um espaço social. Dessa forma, os sujeitos “configuram o sentido subjetivo das diferentes esferas de suas vidas e produzem significações em relação a si mesmos e aos outros” (Rey, 2003, p. 126).

Essa definição vai ao encontro do que diz Moscovici (2009) a respeito das representações sociais. O autor as refere como a maneira específica de compreensão e comunicação do que já é do nosso conhecimento. Assim, são um conjunto de entendimentos originado nas comunicações interpessoais da vida cotidiana.

No entanto, como já foi dito, o contato com o desconhecido também traz a necessidade de representá-lo. Dessa forma, as representações sociais são engendradas também com o intuito de transformar o não familiar em familiar. Tal processo de assimilação do não familiar, avisa Joffe (2012), é necessário para nosso bem estar. Visto que os objetos sociais estranhos suscitam medo, pois são ameaçadores do sentido e da ordem das pessoas e da sensação de controle sobre o seu mundo.

O movimento dessa assimilação se dá através dos processos de ancoragem e objetivação. A ancoragem consiste na classificação a fim de encontrar um espaço para encaixar o não familiar. É um processo que implica juízo de valor, para situarmos o objeto, pessoa ou ideia dentro de categorias que possuem registro historicamente. Já a objetivação visa tornar uma realidade concreta e visível, aliando o conceito a uma imagem (Oliveira & Werba, 1998).

E é na alteridade que se dão esses processos. O sujeito simbólico surge na relação com algo distinto dele. Para constituir uma identidade o sujeito precisa reconhecer o que não é dele, e tem que estabelecer uma relação com isso. Jovchelovitch (1998) refere que “é quando o sujeito é capaz de reconhecer, acessar, avaliar e mesmo rejeitar o externo, que ele pode reconhecer quem é” (p. 80).

Desde os processos para construção de identidade, dá-se a dissociação de objetos (ou pessoas) em grupos bons ou grupos maus. A geração dessas dissociações ocorre naturalmente pelas divisões ocorridas na história das respectivas sociedades de cada sujeito (Joffe, 2012). De acordo com isso, Jovchelovitch (2008) indica que as representações podem ser positivas ou negativas (hiper-representações).

Nas narrativas dos militares apareceram representações positivas que indicam uma identificação entre o povo brasileiro e o povo haitiano. O ato de re-presentação, de acordo com Moscovici (1961/2012), transfere o que é ameaçador e perturbador para uma esfera do nosso universo interno, para um espaço próximo. As representações do povo haitiano enquanto humilde, amigo, trabalhador, demonstram uma identificação a fim de poder conectar Haiti e Brasil.

Haiti; que é um país pobre, humilde, amigos dos brasileiros, eles admiram nós, admiram nós até mesmo pela nossa força de vontade, de trabalho... (Informante A).



*A maioria das pessoas são pobres, são humildes, são do bem (Informante A).
Eles têm uma amizade sincera, não é aquela amizade que procura conquistar algo em troca (Informante A).
Eles valorizam muito o abraço, é... o sorriso (Informante A).*

A identificação também apareceu no fato de os haitianos aprenderem a língua portuguesa. Assim temos um exemplo de estreitamento de laços através da linguagem, a qual se constitui uma categoria central à Psicologia Social Crítica, pois, segundo essa perspectiva, a linguagem é necessária à comunicação, à representação.

Então, é um povo pobre, humilde, com muita força de vontade, que aprendeu português que é uma língua difícil de aprender, pra nós, brasileiros não, mas para os outros países, sim. Então, o haitiano, através desse sacrifício, a lei da sobrevivência, eles aprenderam a falar o português (Informante A).

O ser humano, pontuou Lane (1985), “ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas consequências de sua fala” (p. 32). E essa transformação bidirecional é permeada pelas representações positivas e negativas dos fatos sociais. A representação positiva da experiência também, observamos, apareceram no que se refere aos aprendizados e transformações tidos com a mesma.

Maior tolerância, paciência, olhar para o lado antes de reclamar, dar mais valor ao que se tem e viver um dia de cada vez foram alguns dos aprendizados que mais se destacaram indicando transformação nos militares após fazer essa experiência de missão de paz no Haiti. Isso pode ser observado nas falas que seguem:

E: O que que tu atribui ao Haiti então?

C: A parte da tolerância. Muita tolerância. Tive que aprender bastante lá (Informante C).

Que nem ali, às vezes o cara reclama: pô faltou água...ou sei lá. Que que eu posso te dizer? Até uma comida, às vezes, que tu não goste. Vou dizer: ‘cara, tem gente que não tem o que comer, entendeu?’ Tem gente que não tem aquilo dali. Um simples banho (Informante D).

Eu cresci muito como pessoa, como militar, como pai, como esposo, porque eu dei valor a cada dia na minha vida... (Informante A).

Até aqui assinalamos representações positivas. No entanto, conforme Marková (2006), nós pensamos e avaliamos fenômenos em termos de polaridade. Dessa forma, também apareceram representações de cunho negativo do Haiti(ano). O contato com aspectos diferentes que eles referem enquanto culturais e de uma realidade amarga levou-os a tais representações.

Nas representações negativas, colocamos em foco o sobre-viver no Haiti. Isto apareceu nas falas dos militares ao se referirem ao modo de vida do haitiano através de termos como “lei do mais forte” e “viver de doação”. Acreditamos que o contato com essa realidade distinta e similar, ao mesmo tempo, incita reflexão sobre-viver. O viver aqui (Brasil) não é como lá (Haiti).



Lá no Haiti é assim: é a lei do mais forte; quem pode mais chora menos. Lá é assim. [...] Povo passando fome, matando também por causa de comida, por causa de um copo d'água um dava uma pedrada no outro [...] (Informante B).

É... o Haiti todo, ele não tem trabalho, não tem alimento, [...] a população do Haiti, ela vive baseada em doações, eles esperam chegar a doação. Se chegar numa família a cada quinze dias, eles sobrevivem, eles sabem que a cada quinze dias vai ter uma doação. Então, eles vivem em prol disso né, esperando chegar uma doação (Informante A).

A representação de um país que não tem futuro apareceu nas falas dos militares junto com o sentimento de impotência ao querer ajudar o país. Ao observar a realidade do Haiti(ano), os militares afirmam ser um país que não tem pra onde crescer, assim como seu povo não tem expectativa de vida.

O Haiti não tem pra onde crescer, não tem futuro, não tem água, não tem luz, não tem estradas, não tem hotéis (Informante A).

Tu quer mudar o país, sabe? Só que tu vê que num... não tem o que fazer, sabe? E te dá uma sensação, vamos dizer, assim ó, pro final te dá uma sensação de impotência, sabe? De tu não... não tem o que fazer, não consegui. Só ameniza. Só ameniza que eu digo é quando tu distribui alimento e água. E só (Informante D).

O contato com o que está representado como negativo, a realidade haitiana classificada como precária, indica a alteração no humor dos militares, logo em sua identidade, assim que retornam da missão. Acreditamos haver essa relação em vista do que foi observado nas falas.

Mas foi bem bizarro, estranho; porque eu cheguei aqui eu fiquei bem alterado ainda... emocionalmente.

E: Como assim?

C: Fiquei mais frio. Mais seco, sabe (Informante C).

Um pouquinho mais agressivo assim acho que eu voltei de lá. Eu não sei se foi por causa do treinamento, que que foi, pelo que eu presenciei lá. Mas eu fiquei um pouco diferente assim (Informante B).

Ao falar do Haiti, esse Outro tão diferente, os militares buscaram termos, e assim trouxeram a representação de um país pobre, humilde, mas que também carrega algo de assustador. Não só por ser desconhecido, mas por ser a realidade que choca, que revela condições precárias de uma população.

Ah as condições lá são precárias né? Esgoto a céu aberto, lixo na rua... tipo as crianças dormindo na rua... as... as pessoas andando nuas na rua, sem se preocupar com nada, sem condições nenhuma de vida, sem ter o que comer, dormindo no meio do lixo... han... pessoas mortas na rua (Informante B).

Por vezes, faltaram as palavras para significar os sentimentos gerados pelas memórias da experiência vivida no Haiti. O discurso nas entrevistas era carregado de expressão facial. Em algumas das reticências que indicam a pausa na fala dos entrevistados, podemos dizer



que se apresentaram expressões de horror, falta de palavras coberta por um suspiro. Ali, parece-nos, há uma representação difícil de se expressar por via da palavra.

De muitas vez tu tá aqui na base, bei, comendo uma baita comida, assim ó, e tá as criança na janela, espiando, assim ó, com aquele olhar. Bah! Embrulhava aqui ó. Nem dava mais vontade de comer ... É isso aí (Informante D).

Além disso, na escolha do dispositivo para início de narrativa nas entrevistas, fotos de crianças foram as escolhas mais frequentes. O que é narrado sobre o lugar da criança no cenário como um todo é que “elas não são crianças”, ou seja, o que eles enxergam não condiz com a representação que eles têm do que significa ser criança. É uma espécie de representação à deriva - nem positiva, nem negativa, sem formas ou bordas. Eles não conseguem fazer uma ancoragem, pois o mais próximo seria as crianças que vivem nas ruas no Brasil. Mas o contexto é outro e, então, a âncora nem é lançada no campo representacional. Assim, a falta desse lugar para ancorar parece gerar um movimento à deriva, que mistura indignação com inconformidade:

Aí o intérprete falou com a mãe dele e falou que ele tinha cinco anos. Aí eu me apavorei já com o tamanho né. Aí ela explicou que era desnutrição, né. Não tinha o que comer, né, não tinha alimentação necessária. [...] E as criança lá quase todas tu olha dá uma idade bem inferior (Informante D).

Então, não existe criança brincando no Haiti, não existe boneca, não existe carrinho, não existe brinquedo de criança no Haiti [...] porque eles não brincam. [...] É, eles trocam por alimento e esse dono do mercado que trocou por alimento, ele pega esses brinquedos que foram doações, são novos ainda e leva adiante para outro país pra ser vendido. Tiram o Haiti (Informante A).

As experiências com esse Outro - Haiti(ano) - foram representadas de variadas formas, mostrando que as representações não são universais nem estáticas. Elas são sempre movimentos em busca de sentido às experiências. Ressaltamos a importância das representações enquanto realidades da vida cotidiana e principais meios para estabelecimento de associações, sem as quais não nos ligaríamos uns aos outros (Moscovici, 2009). Foi através das representações, avaliando e criando novas interpretações, que os militares puderam dar sentido, na ação subjetiva, às suas experiências no Haiti enquanto integrantes da missão de paz.

Considerações finais

A partir deste estudo podemos observar, em partes, como a experiência de militares ativos e reservistas que participaram na missão de paz no Haiti afeta as relações com o Eu-Outro-Mundo. Além disso, tivemos a possibilidade de observar o entrecruzamento dos tempos remetentes ao *locus passado* (Haiti) e ao *locus atual* (Brasil) nas identidades e representações do militar. O fato do militar tentar buscar semelhanças a fim de ancorar o que



foi visto no Haiti com o que é apresentado no Brasil demonstra bem esses tempos se entrecruzando. O reforço das características da profissão militar (Brasil), em outro ambiente (Haiti) também apresentou isso. Por fim, foram observadas mudanças na identidade e nas representações, e isso diz da relação dos militares com Exército Brasileiro (Brasil), com a missão de paz (Haiti) e com o Haiti(ano).

Quanto à relação com o Exército Brasileiro, foi afirmado o sentimento de orgulho em “ser militar” e ser militar no Haiti. Tal identidade aparece como algo em construção. As características da profissão militar como “ser forte, bravo, corajoso” que são construídas pela imposição de uma sociedade patriarcal, aparecem sendo reforçadas na missão, na relação com a realidade do Haiti(ano). Para confirmar a ideia de identidade em transformação, as relações com a equipe no quartel aparecem proporcionando maior tolerância e paciência. Por fim, apresenta-se a mudança nas relações hierárquicas, o que acreditamos se dar devido ao fato de estarem todos os militares na condição de estrangeiros e vulneráveis ao que lhe é diferente, o que nos indicou a multiplicidade e a plasticidade nas masculinidades mesmo em contexto militar.

Para psicologia social, alteridade refere-se ao conceito de distinção que o sujeito tem entre ele e os outros. Embasadas por autores da Psicologia Social, vemos que é na relação, seja com outro indivíduo ou com outro ambiente e todos seus elementos, que podemos nos transformar. Não se trata da transformação radical, mas de se compor com esse outro e, assim, ir constituindo nosso modo de viver e dar sentido ao outro e a si mesmo. Na experiência de migrar a outro país, em contexto adverso, não há um encontro apenas com o estranho, com o estrangeiro, com o alter, mas um (des)encontro de mim potencializado pelos afetos que provoca, tensiona as identidades. Não há, assim, de um lado um processo de identidade e de outro um processo de alteridade; ambos são tecidos na sinfonia das experiências de vida - no caso, naquilo que experiência da missão de paz faz disparar.

As relações permitem mudança e transformação. A identidade do sujeito que se lança numa experiência como a de missão de paz no Haiti é fabricada nos traços das relações com o Outro. Essa experiência com Outro - Haiti(ano) - é representada de diversas formas. Primeiramente temos as representações positivas com a identificação do povo brasileiro com o povo haitiano enquanto humilde, amigo, trabalhador. Os aprendizados por parte dos militares, tais como a paciência, olhar para o lado antes de reclamar, dar mais valor ao que se tem e viver um dia de cada vez também se apresentam enquanto representações positivas da experiência.

No entanto, as representações negativas apareceram nos discursos dos militares. A primeira delas se refere ao modo de vida do haitiano predominando a “lei do mais forte” e “viver de doação”. Dessa forma, há a diferenciação entre o viver no Brasil e o viver no Haiti, representando este último enquanto precário. “Um país que não tem futuro” também se fez presente como representação do Haiti, sendo observado enquanto um lugar que não tem



condições para crescer. O contato com esse negativo teve implicações no humor dos militares no retorno ao Brasil, alguns afirmaram estarem alterados, mais frios e secos.

Poder avaliar e criar novas interpretações para sua vivência permitiu aos militares dar o sentido a algo transformador que é a experiência na missão de paz no Haiti. A partir da relação, agregando conceitos, desfazendo preconceitos, mudando a maneira de se posicionar frente a algumas situações, percebemos a alteridade enquanto constituinte da identidade. Somos feito do que nos toca, nos mobiliza, do que elegemos em cada experiência. A passagem de Guareschi (1998) pode servir para a conclusão dessa reflexão: “nós resumimos em nós todo o mundo; à medida que nos relacionamos com o mundo, as pessoas e as coisas, vamos nos apropriando desse mundo e nos constituindo como um mundo em miniatura” (p. 154). Todavia, esses mini-mundos não são planos, rasos, óbvios; eles são plenas construções complexas, inventivas e, em grande parte, da ordem do inconsistente que engendram as mais dinâmicas representações. Esses militares que foram à missão de paz no Haiti e retornaram a suas casas, certamente desconcertaram-se a si mesmos e a seus compatriotas. Voltam cindidos, cortados ao meio, mas não há pobreza de experiências em seu mundo. Ao contrário, a experiência de um e de outro, com um e com o outro, sob um mesmo território “em guerra” possibilita a vivência de algo raro na atualidade: o encontro consigo mesmo e com o outro, esse outro de um eu mesmo.

Referências

- Almeida, M. V. (1995). *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de século.
- Bauer, M. & Gaskell, G. (2005). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (4a ed.). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 2000).
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Original publicado em 2004).
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência (J. W. Galdi, Trad.). *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. (Original publicado em 2001). Recuperado em 08 de setembro, 2014, de www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf
- Bracey, D. (2011). O Brasil e as operações de manutenção da paz da ONU: os casos do Timor Leste e Haiti. *Contexto Internacional (Rio de Janeiro)*, 33(2), 315-331. Recuperado em 08 de setembro, 2014, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292011000200003&lng=en&tlng=p



- Ciampa, A. C. (1989). Identidade. Em W. Codo & S. T. M. Lane (Org.s). *Psicologia social: o homem em movimento* (8a ed.; pp. 58-77). São Paulo: Brasiliense.
- Connell, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1), 241-282. Recuperado em 12 de abril, 2014, de periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/29127/24650
- Ferreira, M. C. (2010). A psicologia social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 51-64. Recuperado em 12 de abril, 2014, de www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf
- Freire, M. R. & Lopes, P. D. (2008). Reconceptualizar a paz e a violência: uma análise crítica. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82, 13-26. Recuperado em 01 de novembro, 2015, de rccs.revues.org/614
- Guareschi, N. M. F., Reis, C., Huning, S. & Bertuzzi, L. D. (2007). Intervenção na condição de vulnerabilidade social: um estudo sobre a produção de sentidos com adolescentes do programa do trabalho educativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(1), 20-30. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a03.pdf
- Guareschi, P. (1998). Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. Em A. Arruda (Org.). *Representando a alteridade* (2a. ed.; pp. 149-161). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hudelson, P. (1994). *Qualitative research for health programmes*. Geneva, Suíça: World Health Association.
- Jensen, V., Kaiwai, H., McCreanor, T. & Barnes, H. M. (2006). Back off ma this is our project: youth photovoice research. Auckland, Nova Zelândia: Massey University. Recuperado em 12 de abril, 2014, de www.shore.ac.nz/massey/fms/Colleges/College_of_Humanities_and_Social_Sciences/Shore/reports/Photovoice_Report_19_7_06_Final.pdf
- Jodelet, D. (1998). A alteridade como processo e produto psicossocial. Em A. Arruda (Org.). *Representando a alteridade* (p. 47-67). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Joffe, H. (2012). "Eu não", "o meu grupo não": representações sociais transculturais da AIDS. Em P. A. Guareschi & S. Jovchelovitch (Org.s). *Textos em representações sociais* (13a ed. ; pp. 297-322). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jovchelovitch, S. (1998). Re(des)coabrindo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. Em A. Arruda (Org.). *Representando a alteridade* (pp. 69-82). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Katz, H. (2006). *Global surveys or multi-national surveys? On sampling for global surveys*. Trabalho apresentado no *Thoughts for the Globalization and Social Science Data Workshop*,



- University of California, Santa Barbara, Estados Unidos da América. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.global.ucsb.edu/orfaleacenter/conferences/ngoconference/Katz_for-UCSB-data-workshop.pdf
- Lane, S. T. M. (1985). Linguagem, pensamento e representações sociais. Em S. T. M. Lane & W. Codo (Org.s). *Psicologia social: o homem em movimento*. (3a ed.; pp.32-39). São Paulo: Brasiliense.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente* (H. Magri Filho, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2003).
- Monteiro, M. (2010). Crítica, autocrítica y construcción de teoría en la psicología social latinoamericana. *Revista Colombiana de Psicología*, 19(2), 177-191. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.redalyc.org/articulo.oa?id=80415435003
- Molar, J. de O. (2011). A alteridade na educação: noção em construção. *Revista Nupem*, 3(5), 61-72. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/59/42
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1961).
- Moscovici, S. (2009). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público* (S. Fuhrmann, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1961).
- Nichiata, L. Y. I., Bertolozzi, M. R., Takahashi, R. F. & Fracolli, L. A. (2008). The use of the "vulnerability" concept in the nursing area. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(5), 923-928. Recuperado em 8 de setembro, 2015, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000500020&lng=pt&nrm=iso
- Oliveira, F. O. & Werba, G. C. (1998). Representações sociais. Em M. G. C. Jacques, M. N. Strey, N. M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Org.s). *Psicologia social contemporânea* (4a ed.; pp. 104-117). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pereira, A. H. R. (2005). *Operação de paz no Haiti*. Brasília: Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais.
- Perrelli, M. T. (2012). Percepção de militares frente à atuação em missão de paz no Haiti [Resumo]. Em *Anais Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho*, 5, p. 94. Rio de Janeiro: UERJ. Recuperado em 23 de abril, 2014, de www.cchla.ufpb.br/laicf/wp-content/uploads/2013/12/ANAIS_V_CB POT.pdf



Persici, R. S. (2010). *Guerra e paz em Angola: um estudo sobre o papel da ONU e das grandes potências*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Portaria n. 885. (2008, 4 de novembro). Manual de uso da marca Exército Brasileiro. Brasília, DF: Ministério da Defesa. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.eb.mil.br/documents/10138/33dd029d-1af4-4bc8-b9ae-716938e3ef73

Resolução n. 10. (2012, 26 de junho). Revoga a Resolução CFP nº 016/2000, publicada no DOU nº 246, Seção 1, Página 91 no dia 22 de dezembro de 2000, que dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Resolucao-CFP-n-010-12.pdf>

Resolução n. 466 (2012, 12 de dezembro). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde. Recuperado em 8 de setembro, 2014, de www.sap.sp.gov.br/download_files/pdf_files/comite_de_etica_em_pesquisa_SAP/resolucao-466_12-12.pdf

Rey, F. L. G. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* (R. S. L. Guzzo, Trad.). São Paulo: Thomson. (Original publicado em 2003).

Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 99-104. Recuperado em 05 de julho, 2014, de www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200013&lng=en&tln=pt. 10.1590/S0102-71822005000200013

Nota sobre as autoras

Adriane Roso é psicóloga, doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Pesquisadora e professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Saúde, Minorias Sociais e comunicação (UFSM). E-mail: psicosocial.ufsm@gmail.com

Juliana Flores Campos é psicóloga. E-mail: juliana.florescampos@gmail.com

Verônica Bem dos Santos é psicóloga. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Docente do curso de Psicologia da Faculdade São Francisco de Barreiras - FASB. E-mail: veronica.bem@gmail.com

Data de recebimento: 30/09/2014

Data de aceite: 03/11/2015